



Análise da Percepção da Dor e da Possibilidade de Morte em Pacientes Oncológicos no Brasil

Luiz Roberto Marquezzi Ferro¹; Aislan José de Oliveira²; Aline Carina Garcia³; Cristiane dos Santos Muniz Ferreira³; Thainara Silva Oshiyama³; Thays Lara Teles Silva³; Victoria Carnielli dos Reis³; Yasmin Souto da Silva Gonçalves³; Cátia Almeida Alves da Silva³; Karina Aparecida Ferreira da Rocha³

Resumo: Este artigo apresenta resultados de uma pesquisa bibliográfica acerca das contribuições do existencialismo para a percepção de dor e da possibilidade de morte após o diagnóstico dos pacientes oncológicos no Brasil. Com a finalidade de cooperar cientificamente com estudos e esclarecimentos a respeito do fazer prático da fenomenologia neste campo. Para tal, utilizamos da revisão de literatura bibliográfica, reunindo fontes de pesquisa e estudos sobre o tema, para dialogar sobre a importância da temática existencial nas reflexões sobre dor e morte nos pacientes oncológicos. Enquanto aporte teórico metodológico, este estudo se orienta pelas discussões da Fenomenologia Existencial. Como resultados da pesquisa destacam-se as temáticas: percepção da morte em pacientes oncológicos e em cada fase da vida, as reações em comum de pacientes oncológicos e seus cuidadores após o recebimento do diagnóstico e como os cuidados paliativos que atuam com a abordagem fenomenológica existencial auxiliam em seu tratamento. O estudo em questão levantou pontos relevantes sobre a pertinência do papel da fenomenologia existencial para o processo de pacientes oncológicos.

Palavras-chave: Pacientes Oncológicos, Psicologia Hospitalar, Fenomenologia

Analysis of Pain Perception and Possibility of Death in Oncological Patients in Brazil

Abstract: This article presents bibliographic research result's about existentialism's contributions to the perception of pain and death possibility after oncology patients' diagnosis in Brazil. From this, the main objective of this article is to scientifically cooperate with studies and explanations concerning phenomenology's practical doing in this field. For which purpose, we used the bibliographic review's method, gathering research sources' and studies regarding the subject, offering a dialogue about the existential thematic's importance to the thoughts around oncology patients' ache and passing. Regarding the methodologic approach, this study orients itself by the Existential Phenomenology's discussions. As the results of the present research highlight the following topics: oncology patients' perception of death in each life stage, oncology patients' common reactions after the diagnosis' receiving, and how palliative care who adopt existential phenomenology's approach assist in their treatment. The following research brings up relevant debates about the significance of existential phenomenology's place to oncology patients' process.

Keywords: Oncology Patients, Hospital Psychology, Phenomenology

¹ Docente, mestre, Universidade São Judas Tadeu, luiz.ferro@saojudas.br, São Paulo, SP, Brasil.

² Docente, mestre, Centro Universitário Campos de Andrade, Curitiba, PR, Brasil

³ Aluna de graduação em Psicologia, Universidade São Judas Tadeu, São Paulo, SP, Brasil.

Introdução

Segundo dados do Instituto Nacional do Câncer (INCA, 2021), em 2019, aproximadamente 230 mil pessoas tiveram a causa da morte declarada como câncer no Brasil. Tal informação demonstra a associação da doença com alguns temas existenciais como dor e morte nos meios sociais, o que faz o paciente oncológico enfrentar o fim da vida como uma circunstância eminente.

Para Sartre (1978) em “O existencialismo é um humanismo”, o homem, condenado à liberdade, é obrigado a fazer escolhas que irão constituir as possibilidades de seu projeto-de-ser. É nessa constituição que o ser se direciona para a possibilidade do futuro, visto que para ele, o futuro é um projeto subjetivo. Tendo isso em vista, é possível entender que intercorrências como o câncer, os quais fazem alguém enfrentar temas existenciais como a morte, levando o sujeito a modificar seu projeto-de-ser para acomodar e apropriar as novas condições de existência, o que pode ser uma experiência dolorosa (SILVA, 2009)

O recebimento do diagnóstico é devastador, trazendo diversos sentimentos, alterando diversas dimensões da vida do paciente, durante todo o tratamento o paciente fica sob ameaça profunda de um desequilíbrio psicológico, devido às mudanças cotidianas e a percepção de um futuro incerto.

A vivência da incerteza, o comprometimento da vida e o medo de morrer mesclados à abrupta interrupção dos projetos de vida, e outros planos, levam os pacientes oncológicos a um profundo estado de desajuste emocional.

A dor é um dos fenômenos mais temidos no cenário do câncer, devido à possibilidade de seus sinais aparecerem em todo o processo do adoecer, desde o momento do diagnóstico até situações de aplicação de procedimentos terapêuticos altamente invasivos e dolorosos, e em decorrência dos efeitos adversos do tratamento cirúrgico, quimioterápico e radioterápico (SAKIROGLU; WOOD; CUNIN-ROY, 2009)

A dor também é uma experiência que acompanha os casos de recidiva ou metástase à distância, e é proporcionalmente mais intensa na medida da progressão do tumor. Os aspectos psicológicos envolvidos na dor também têm papel de destaque na configuração geral do fenômeno. A característica multidimensional da dor requer uma compreensão integral sobre a fisiologia humana em consonância com a história de vida, antecedentes familiares, processos de aprendizagem, ambiente sociocultural, dentre outros (FRUTUOSO et al., 2004)

Este artigo visa identificar como pacientes oncológicos no Brasil percebem a dor e a possibilidade da morte. A metodologia usada foi de ARL (Artigo de Revisão de Literatura), no qual adotamos os seguintes critérios de inclusão: 1- Artigos que abordassem sobre a percepção da morte em cada fase da vida. 2- Articulações acerca do esquema de reação comum a quem recebe diagnóstico de câncer. 3- Trabalhos sobre como cuidadores lidam com o processo de adoecimento do paciente oncológico. 4- Assuntos que abordassem sobre cuidados paliativos. 5- Literaturas sobre como a abordagem fenomenológica existencial auxilia com o sofrimento dos pacientes oncológicos.

Pacientes Oncológicos e a Percepção da Morte em cada Fase da Vida

Notamos que a percepção da morte e dor por pacientes oncológicos difere em cada fase da vida (FRUTUOSO et al., 2004).

Para a criança a ideia da morte já está presente, normalmente de forma indireta como a morte de um animal, durante as brincadeiras e entre outros meios que a criança participa (KOVÁCS, 1992; VENDRUSCULO, 2005). Entretanto, para Torres (2002) estudos mostram que crianças com doenças graves possuem uma percepção sobre a morte mais avançada do que crianças que não estejam nessa condição.

Em pesquisa realizada com crianças de 7 a 11 anos que dispôs de uma questão norteadora sobre a dor e como ela era compreendida através de uma análise fenomenológica (SIQUEIRA et al., 2015). Esse estudo foi composto por categorias divergentes, são elas: vivenciando a dor como paradoxo vida-morte; apegando-se à espiritualidade na dor; percebendo a dor emocional da família; vivenciando a dor na temporalidade da hospitalização e expressando o corpo dolorido de forma positiva e negativa. Depreendendo então que a manifestação do sentimento de dor na criança é subjetiva, variando de acordo com o corpo e aprendizagem no mundo, durante essa fase inicial da vida.

Compreende-se que a expressão de dor nas crianças é consistente com a leitura merleau-pontiana, que a entende como um modo de linguagem, que se desenvolve por meio do movimento corpo-mundo. Essa compreensão possibilitou capturar vivências singulares, bem como a criação de significados atribuídos à experiência (SIQUEIRA et al., 2015, p. 10).

Para adolescentes devido ao desenvolvimento cognitivo já existe a compreensão do conceito de morte. Nessa etapa é comum pensar que a morte é uma possibilidade distante e

muitos enxergam como se precisassem desafiá-la de diversas maneiras com o uso e abuso de drogas, práticas de esportes perigosos e entrada em situações de risco (KOVÁCS, 1992). Entretanto, para adolescentes com câncer o enfrentamento da morte deixa de ser um desafio prazeroso para ser uma luta aterrorizante em busca da sobrevivência (BESSA, 2000, p. 96). Já para pacientes adultos, a perda é algo comum seja de amigos, familiares, emprego, entre outros, ainda assim, na vida cotidiana é comum negar e/ou ignorar a morte.

A ideia de morte erroneamente parece ser mais aceitável para o idoso, pois eles supostamente já realizaram diversos feitos na vida e a probabilidade natural do curso da vida é os idosos morrerem antes dos mais novos. Entretanto, para Heidegger (2007) a morte é uma possibilidade que está presente, determinando a vida, desde o nascimento e deve-se considerar que o medo da morte é experienciado de maneiras diferentes para cada pessoa. Quando o idoso sente que viveu uma vida de realizações pode conseguir enfrentar a morte mais tranquilamente, apesar disso, não é uma realidade para todos e não elimina o medo da morte que pode ser ainda maior para aqueles que residem em abrigos para idosos e estão “sozinhos” (KOVÁCS, 1992).

Esquema de reação comum a quem recebe diagnóstico de Câncer

Apesar da vivência do câncer ser individual e em cada fase da vida a percepção ser diferente, existe um esquema de reação comum a muitas pessoas que recebem o diagnóstico de câncer.

Kubler-Ross (1994) foi quem identificou os 5 estágios (negação, raiva, barganha, depressão e a aceitação) analisando os pacientes em fase terminal. Na primeira fase da negação, existe um choque ao tomar conhecimento da doença, e como o paciente pensa que está próximo da morte se recusa a aceitar a realidade. Após isso, poderá surgir a raiva, nesse momento o paciente fica irritado por estar doente e geralmente virá a descarregar isso na equipe médica que o diagnosticou. Em seguida, virá a fase da barganha, na qual a pessoa tenta negociar a cura com os médicos, como se eles pudessem resolver qualquer problema sendo subornados, ou então o paciente negocia com forças divinas, em troca de promessas e sacrifícios.

Outra importante fase é a depressão, nela o paciente fica desiludido, podendo até ter ideação suicida, e pode também gerar um retardo psicomotor mediante o desespero. Por fim, ocorre a aceitação, é o momento em que a pessoa compreende a doença e que a morte é universal. Isso não significa que o paciente se conformou, mas sim que possui maior paz e calma em relação a essa situação, ele se volta ao interior de si mesmo e reflete o passado,

verificando se na vida houve momentos memoráveis e se foi uma boa pessoa (KUBLER-ROSS, 1994).

Além das cinco fases não serem comuns para todas as pessoas, algumas podem vivenciar as fases sem sequência ou mais de uma ao mesmo tempo. Entretanto para a maioria, o câncer é sinônimo de desesperança e isso se torna prejudicial para a pessoa que descobre estar doente, causando diversas outras reações emocionais como abalar totalmente a identidade da pessoa, acarretar o isolamento, causar alteração na disposição para atividades sociais. Ademais, existe um grande temor das mudanças físicas que aconteceram devido ao tratamento, no caso de um câncer de mama, a mulher fica com o emocional assolado, já que o tratamento mutila os seios (MAJEWSKI et al., 2012).

Logo, em função das alterações nos campos físico, emocional, sexual e social vivenciados, faz-se necessário o suporte psicológico à pacientes durante todo o processo da descoberta da doença e de tratamento (ARAÚJO; FERNANDES, 2008; LOTTI et al., 2008; MALUF; JO MORI; BARROS, 2005; RAMOS; LUSTOSA, 2009; ROSSI; SANTOS, 2003; SILVA, 2008; VENÂNCIO; LEAL, 2004).

O Enfrentamento da Doença na Perspectiva dos Cuidadores

A Resolução RDC nº11 de 26 de janeiro de 2006, da Agência Nacional de Vigilância Sanitária (BRASIL, 2006) (ANVISA) afirma que, o cuidador é a "pessoa com ou sem vínculo familiar capacitada para auxiliar o paciente em suas necessidades e atividades da vida cotidiana".

Segundo Monteiro e Lang (2015) os cuidadores familiares de pacientes em terapêutica do câncer apresentam altos índices de ansiedade e depressão e quando a terapêutica é voltada para cuidados paliativos as dificuldades se tornam maiores ainda e o cuidador pode adoecer. Devido a isso, cabe aos profissionais de saúde propor políticas e implantar programas de suporte social à família voltada aos cuidadores e ainda oferecer-lhes as orientações necessárias ao cuidado.

Em pesquisa realizada em abordagem qualitativa na perspectiva do método fenomenológico com cuidadores familiares de cinco pacientes oncológicos em cuidados paliativos e internados na enfermaria masculina de um hospital na cidade de Macapá, teve como objetivo responder a questão: “Como o cuidador familiar se sentia diante da responsabilidade de cuidar do paciente em cuidados paliativos?” Foram verificadas as mudanças que

aconteceram nas vidas dos cuidadores e quais foram os impactos emocionais que ocorreram durante o processo de cuidado e como esse cuidador lidava com a possibilidade do familiar que está sob seus cuidados morrer, e caso já tenha ocorrido a morte, como os cuidadores estava lidando com a situação (FERREIRA et al., 2019).

Nessas entrevistas era solicitado para o cuidador recordar de situações nas quais tivesse vivenciado no processo de cuidados que estava inserido, procurando selecionar as mais importantes, refletindo sobre as mesmas. Logo após, foi averiguado os dados levantados, relatando aos familiares os significados captados, enunciados e a descrição que foi elaborada da sua vivência, estabelecendo diálogo e a possibilidade de complementações, cortes ou correções, com o auxílio do familiar houve a reelaboração dos significados e descrições das suas vivências. O estudo se baseou no método da redução fenomenológica, conceito de Husserl que consiste em chegar à essência do fenômeno (FERREIRA et al., 2019).

Sobre os resultados da pesquisa é importante ressaltar que cada cuidador estava vivendo em momentos da vida distintos e cada pessoa lida de formas diferentes com esse período de cuidado. Dado isso, alguns dos sentimentos observados foram de se sentir responsável sem que ninguém tivesse elegido esse papel de cuidador ao paciente e os cuidadores relataram que rejeitaram oportunidades de emprego, mudaram de emprego, se afastaram de familiares, entre outros por estar comprometido com a situação do paciente. Os entrevistados relataram que se sentiam com uma obrigação positiva de retribuir o cuidado que receberam dos pacientes em algum momento da vida (FERREIRA et al., 2019).

Além disso, também foi observado que os cuidadores não queriam chorar, ou demonstrar tristeza para os pacientes e tentavam motivar eles de forma positiva. Em uma fala de uma mãe ela relata que,

“Eu me via na obrigação de não adoecer, pois pedia para que meu filho não se deixasse abater pela doença, então tinha que me manter saudável em prol dele (...) por vezes me via triste, e sentia medo de entrar em depressão, mas logo passava esse sentimento, eu e meu filho buscávamos ser felizes apesar das circunstâncias.” (FERREIRA et al., 2019)

Todos os cuidadores se envolviam completamente no processo do paciente e se abstiveram de vida social, profissional e familiar em algum grau. E mesmo com as dificuldades, estresses e os conflitos que aconteciam dentro da família em decorrência da situação repentina, os cuidadores se sentiam satisfeitos por ter feito tudo o que podiam quando os pacientes

precisavam e não foi observado sentimento de arrependimento ou remorso por terem dedicado a vida para os pacientes apenas saudade.

Cuidados Paliativos e como a abordagem Fenomenológica Existencial auxilia com o sofrimento dos pacientes oncológicos

Os Cuidados Paliativos são uma maneira nova de cuidar do doente e da família através do tratamento humanizado que é pautado em cuidar do doente e não da doença. Ademais, esses cuidados não devem ser tratados somente como necessidades institucionais dos pacientes hospitalizados, mas sim, um importante via para aliviar o sofrimento físico, psicológico e social daqueles que precisam (ANCP, 2012).

Fazem parte da equipe de cuidados paliativos diversos profissionais, dentre eles estão os médicos, psicólogos, enfermeiros, fisioterapeutas, assistentes sociais e o terapeuta ocupacional, a fim de que se possa proporcionar aos envolvidos uma qualidade de vida. Os cuidados paliativos não são destinados apenas aos pacientes com doenças sem cura, mas também para os familiares dos mesmos.

Dessa forma, os cuidados paliativos constituem um campo interdisciplinar de cuidados totais, ativos e integrais, destinados a melhorar a qualidade de vida do paciente sem possibilidades de cura e dos seus familiares, por meio de avaliação correta e de tratamento adequados para o alívio da dor e dos sintomas decorrentes da fase avançada de uma doença, além de proporcionar suporte psicossocial e espiritual, em todos os estágios, desde o diagnóstico de uma doença incurável até o período de luto da família (DE ANDRADE; DA COSTA; LIMEIRA LOPES, 2013).

Segundo Gonçalves Araújo (2018), o psicólogo, dentro de uma equipe responsável por cuidados paliativos, precisa respeitar e entender a autonomia do paciente, para que seja possível construir uma relação de confiança entre ambos. É importante que profissionais trabalhem questões consideradas sensíveis com os pacientes e suas famílias, como a morte, e estabeleçam uma visão ampliada do fenômeno a notar que não basta tratar somente da doença, e sim do humano como um todo, que possui corpo, sentimentos, opiniões, fragilidades, mente e espírito.

A abordagem Fenomenológica pode ser usada junto aos cuidados paliativos pois difere-se do que é apenas técnico e científico. A fenomenologia contribui ao propor uma presença genuína diante dos pacientes, com o método da redução fenomenológica (suspensão de juízos), as preconcepções e julgamentos devem ser colocados em parênteses para ouvir o outro e o que ele sente sobre o momento que está passando. É importante aceitar o que está sendo revelado

sem desqualificar o sentido e significado para o paciente para que ele se sinta livre para ser autêntico. Essa qualidade da presença, interesse, acolhimento e respeito que fazem parte da postura e escuta fenomenológica e que contribuem para o cuidado e crescimento dos pacientes em um momento tão delicado (MOREIRA, 2010) .

Em estudo realizado, pesquisador fala sobre a importância de perceber as necessidades e sentimentos de cada paciente e promover um processo de escuta ativa e demonstra que a partir das vivências no hospital obteve reflexões dos relatos de pacientes que se sentiram mais acolhidos com a postura fenomenológica relatando que se sentem ouvidos e com liberdade para falar o que quiserem pois não serão julgados (KUBLER-ROSS, 2002).

O sofrimento de uma pessoa portadora de uma doença sem cura se dá pelo luto antecipado, e a fenomenologia auxilia o indivíduo nesse processo, fazendo uso de uma equipe intersetorial, bem como o apoio familiar, para que desde o início do diagnóstico até os últimos dias de vida, o paciente sinta-se bem e saiba lidar com a situação.

A postura fenomenológica é muito baseada na aceitação. Pacientes que aceitam a si próprios não terão necessidade de julgar ou condenar suas experiências. Na relação dialógica, a aceitação da equipe assistencial parece abrir a possibilidade de aceitação do próprio paciente e isso o permite aprofundar seus conhecimentos sobre seu processo de adoecimento e vivenciar de forma mais natural a proximidade da morte (MOREIRA, 2010).

Ainda que consideremos a retórica de Heidegger, que, ao refletir sobre o tema existencial da morte, considera a finitude como uma condição de risco constante, sem a possibilidade de evitar o fim ou mesmo saber quando irá ocorrer, a morte é uma experiência individual, o que pode proporcionar a cada um uma possibilidade de redefinição do tema (CASTRO-ARANTES, 2016) .

Considerações Finais

A construção do presente artigo proporcionou a compreensão do quão relevante é a atuação do psicólogo a partir da abordagem fenomenológica existencial em colaboração com os cuidados paliativos. Além disso, abordou temáticas sobre a percepção da morte e dor por pacientes oncológicos que difere em cada fase da vida e demonstrou que apesar da vivência do câncer ser individual existe um esquema de reação comum a muitas pessoas que recebem o diagnóstico de câncer que consiste nos cinco estágios (negação, raiva, barganha, depressão e a aceitação).

Também foi possível analisar que os cuidadores familiares de pacientes em terapêutica do câncer apresentam altos riscos de adoecer psicologicamente e percebe-se que falta na literatura artigos que abordam sobre como a fenomenologia existencial auxilia pacientes oncológicos. Dessa forma, espera-se que os resultados obtidos neste artigo contribuam para novos estudos acerca dessa temática.

Referências

ARAÚJO, I. M. DE A.; FERNANDES, A. F. C. O significado do diagnóstico do câncer de mama para a mulher. **Escola Anna Nery**, v. 12, n. 4, p. 664–671, dez. 2008.

BESSA, L. C. DE L. **Conquistando a vida: adolescentes em luta contra o câncer**. São Paulo: Summus Editorial, 2000.

CASTRO-ARANTES, J. Os feitos não morrem: Psicanálise e cuidados ao fim da vida. **Agora (Brazil)**, v. 19, n. 3, 2016.

DE ANDRADE, C. G.; DA COSTA, S. F. G.; LIMEIRA LOPES, M. E. Cuidados paliativos: A comunicação como estratégia de cuidado para o paciente em fase terminal. **Ciencia e Saude Coletiva**, v. 18, n. 9, 2013.

FERREIRA, T. S. G. et al. Um olhar fenomenológico sobre o cuidador familiar e os cuidados paliativos ao paciente oncológico. **Revista Arquivos Científicos (IMMES)**, v. 2, n. 1, 2019.

FRUTUOSO, J. T. et al. Relato Verbal na Avaliação Psicológica da Dor Verbal reports in the psychological evaluation of pain. **Avaliação Psicológica**, v. 3, n. 2, 2004.

GONÇALVES, J. E.; ARAÚJO, V. S. O psicólogo e o morrer: como integrar a psicologia na equipe de cuidados paliativos numa perspectiva fenomenológica existencial. **Gestão e Desenvolvimento**, n. 26, 2018.

HEIDEGGER, M. **Ser e tempo** Editora Vozes, 2007.

KOVÁCS, M. J. **Morte e desenvolvimento humano**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1992.

KUBLER-ROSS, E. **Sobre a Morte e o Morrer: o que os Doentes Terminais Têm para Ensinar a Médicos, Enfermeiras, Religiosos e aos seus Próprios Parentes**. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

KUBLER-ROSS, E. **Sobre a morte e o morrer**. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

LOTTI, R. C. B. et al. Impacto do Tratamento de Câncer de Mama na Qualidade de Vida. **Revista Brasileira de Cancerologia**, v. 54, n. 4, 2008.

MAJEWSKI, J. M. et al. **Qualidade de vida em mulheres submetidas à mastectomia comparada com aquelas que se submeteram à cirurgia conservadora: Uma revisão de literatura** *Ciencia e Saude Coletiva*, 2012.

MALUF, M. F. DE M.; JO MORI, L.; BARROS, A. C. S. D. O impacto psicológico do câncer de mama. **Revista Brasileira de Cancerologia**, v. 51, n. 2, 2005.

MONTEIRO, S.; LANG, C. S. Acompanhamento psicológico ao cuidador familiar de paciente oncológico. **Psicol. argum**, v. 33, n. 83, 2015.

MOREIRA, V. Possíveis contribuições de Husserl e Heidegger para a clínica fenomenológica. **Psicologia em Estudo**, v. 15(4), n. 1807– 0329., p. 723–731, maio 2010.

RAMOS, B. F.; LUSTOSA, M. A. **Revista da SBPH**. [s.l.] Sociedade Brasileira de Psicologia Hospitalar, 2009. v. 12

ROSSI, L.; SANTOS, M. A. DOS. Repercussões psicológicas do adoecimento e tratamento em mulheres acometidas pelo câncer de mama. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 23, n. 4, 2003.

SAKIROGLU, C. O.; WOOD, C.; CUNIN-ROY, C. Pain in adolescents with cancer. **Bulletin du Cancer**, v. 96(2), p. 37–45, 2009.

SARTRE, J. P. **O existencialismo é um humanismo**. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

SILVA, L. C. DA. Câncer de mama e sofrimento psicológico: aspectos relacionados ao feminino. **Psicologia em Estudo**, v. 13, n. 2, 2008.

SILVA, L. C. DA. **O cuidado na vivência do doente de câncer. Uma compreensão fenomenológica**. Maringá: Eduem, 2009.

SIQUEIRA, H. B. DE O. M. et al. Expressão da dor na criança com câncer: Uma compreensão fenomenológica. **Estudos de Psicologia (Campinas)**, v. 32, n. 4, 2015.

TORRES, W. DA C. O conceito de morte em crianças portadoras de doenças crônicas. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 18, n. 2, 2002.

VENÂNCIO, J. L.; LEAL, V. M. S. Importância da Atuação do Psicólogo no Tratamento de Mulheres com Câncer de Mama. **Revista Brasileira de Cancerologia**, v. 50, n. 1, 2004.

VENDRUSCULO, J. **A criança curada de câncer: modos de existir**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2005.



Como citar este artigo (Formato ABNT):

MARQUEZI FERRO, Luiz Roberto; OLIVEIRA, Aislan José de; GARCIA, Aline Carina; FERREIRA, Cristiane dos Santos Muniz; OSHIYAMA, Thainara Silva ; SILVA, Thays Lara Teles; REIS, Victoria Carnielli dos; GONÇALVES, Yasmin Souto da Silva; SILVA, Cátia Almeida Alves da; ROCHA, Karina Aparecida Ferreira da. Análise da Percepção da Dor e da Possibilidade de Morte em Pacientes Oncológicos no Brasil. **Id on Line Rev.Mult. Psic.**, Outubro/2021, vol.15, n.57, p. 79-88, ISSN: 1981-1179.

Recebido: 30/07/2021;

Aceito 11/08/2021.